

Biopolítica e Transumanismo: esboço de um cenário distópico

Biopolitic and Transhumanism: sketch of a dystopic scenario

Edivaldo Borges dos Santos Júnior

Graduando em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

edivaldo.178@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0731401570526342>

Resumo

Este artigo tem como objetivo defender que o pós-humano, tomado como um estado de existência que transcende a nossa atual e frágil natureza humana assim como é defendido pelo Transumanismo, pode ser caracterizado como um risco à política. Nossa defesa dessa tese tem sua fonte na hipótese de que uma possível implantação do pós-humano pode significar o fim de uma vida politicamente qualificada. Além do mais, ao se concretizar tal situação podemos testemunhar um aumento generalizado de fenômenos de ordem biopolítica. Para fundamentar nosso argumento faremos uso do conceito de imunidade tal como é desenvolvido pelo filósofo italiano Roberto Esposito.

Palavras-chave: Biopolítica. Paradigma da imunidade. Pós-humano. Transumanismo. *Zoè*.


Abstract

This article aims to defend that the posthuman, taken as a state of existence that transcend our current fragile human nature as defended by Transhumanism, it can be characterized by being a risk to politics. Our defense of this thesis has its source in the hypothesis that a possible implantation of the posthuman could mean the end of a politically qualified life. Furthermore, when this situation happens, we can witness a general increase in biopolitical phenomenon. To support our argument, we will use the concept of immunity as developed by the Italian Roberto Esposito.

Keywords: Biopolitic. Paradigm of immunity. Posthuman. Transhumanism. *Zoè*.

1. Considerações Iniciais

O movimento transumanista teve seu início na segunda metade do séc. XX e ganhou considerável força no séc. XXI. Em grande parte, isso se deu graças às novas mídias que




possibilitam a propagação de suas ideias. Há até mesmo uma organização sem fins lucrativos voltado única e exclusivamente para isso, a *Humanity Plus* (H+), fundada em 1998 por Nick Bostrom e David Pearce, que divulga suas ideias no site “<https://humanityplus.org>”. Nesse mesmo site é possível encontrar uma “Declaração Transumanista” que se caracteriza por ser uma espécie de manifesto ou carta de intenções do Transumanismo. Nesse documento, são expostas as ambições, perspectivas e receios daqueles que defendem a pós-humanidade e subscrevem essa declaração que foi originalmente lançada em 1998.

Modificar o ser humano para melhor, de preferência superando sua suposta natureza “frágil e ultrapassada”, ambicionando uma nova espécie superior e não-humana – o pós-humano – é um dos principais objetivos do movimento transumanista. Por meio dessa superação da natureza humana diversas mazelas como o envelhecimento, doenças ou mesmo a morte, poderiam ser superadas. Há, contudo, um quê – um *je ne sais quoi* – de idealismo nessa proposta que não beira o absurdo – quando se leva em consideração o quanto a ciência e a tecnologia evoluíram no último século – mas que se aproxima de uma utopia¹. Hauskeller (2014, p. 103) afirma que os transumanistas consideram o ser humano especial e que ele carrega o potencial de ascender ao céu e viver como – ou até ser – Deus. O autor ainda explica que “sonhos utópicos como esses tem sem dúvida estimulado o progresso social, científico e tecnológico. Contudo, eles também conduzem ao terror e desastres humanitários quando combinados com a tentativa de fazer do sonho realidade e ela falha miseravelmente”² (HAUSKELLER, 2014, p. 101). Sendo, ou não, utópicos os anseios do Transumanismo para o futuro da humanidade, na tentativa de realizá-los existe o perigo de ao invés da melhor das utopias, criar-se uma distopia, isto é, um cenário em que se não tudo, muito terminará mal.

¹ A palavra “utopia” é originária do idioma grego, foi concebida a partir da junção do prefixo “não” com a palavra “lugar”, assim, utopia pode significar algo como “lugar não existente”. De acordo com Blackburn (1997), o termo provém do livro *Utopia* de Tomas Morus e representa “[...] um lugar ou estado de vida ideal” (BLACKBURN, 1997, p. 397). E é a esse estado de vida ideal que o Transumanismo busca, se não no todo, em parte. É interessante notar que muitas vezes as ideias transumanistas se assemelham às das ficções-científicas, daí o seu caráter utópico. Por exemplo, com o anseio de através da engenharia genética melhorar desde o nascimento as características do ser humano, o Transumanismo se assemelha ao livro *Admirável Novo Mundo* (1932) e com o anseio por eliminar a morte há uma conexão com o que é contado sobre uma das ilhas em *As viagens de Gulliver* (1726). É difícil determinar o que é ficção e o que é fruto da experimentação científica, pois mesmo que agora pareça ser fantástico algo como a imortalidade é útil ressaltar que foi tida a mesma impressão sobre o ser humano voar. Em todo caso, tudo o que o Transumanismo promete é, assim seus adeptos acreditam, realizável com o devido desenvolvimento científico e tecnológico.

² No original, em inglês: Utopian dreams like these have no doubt stimulated social, scientific and technological progress. However, they have also led to terror and humanitarian disaster when concerted attempts to make the dream come true failed miserably.



Um desses cenários será apresentado aqui³, mas primeiro faz-se necessário uma melhor elaboração do que seria o Transumanismo, assim como de alguns conceitos basilares para o movimento e para o que se pretende aqui. Somente então será apresentada uma aproximação da teoria transumanista com o conceito de biopolítica a fim de tentar apontar que a humanidade pode, com a melhor das intenções de aperfeiçoar sua vida, encaminhar-se para um *futuro distópico e impolítico*.

2. O que é o Transumanismo?

Diferente do que foi a empreitada trágica do dr. Jekyll⁴ ao elaborar um elixir cujo objetivo era separar definitivamente seu lado bom (moral) do lado mal (imoral) para poder ser a melhor versão de si mesmo, o Transumanismo não parece ser mera ficção científica. O que o caracteriza é que ele é um movimento que tem em seu âmago a noção de aperfeiçoamento humano como uma das melhores apostas para o futuro da humanidade.


Tendo suas bases reconhecidamente firmadas no humanismo, o movimento transumanista surgiu na segunda metade do séc. XX. (Diga-se de passagem, o desejo por aprimoramento e superação dos limites inerentes à atual condição humana é milenar na história da humanidade.)⁵ O Humanismo se distingue por ter sido um movimento cultural e social que pôs o ser humano em um lugar de evidência e centralidade. Comparado a esse momento antropocêntrico da história universal, o Transumanismo vai além. Ele tem em vistas a superação do que quer que seja esse ser humano que no humanismo era “o centro do universo”. No entanto, ainda permanecem uma primazia da razão e da ciência, através das quais, somadas às mais diversas tecnologias, poder-se-á conduzir ao futuro do melhoramento humano.⁶

³ É útil ressaltar que existem incontáveis cenários distópicos no que diz respeito ao futuro da humanidade, alguns atrelados ao Transumanismo, outros não. Também existe a possibilidade de tudo sair como o planejado e terminar bem, no entanto, ignorar o eventual oposto disso seria tolice.

⁴ Dr. Jekyll é um personagem do livro *O estranho caso do dr. Jekyll e mr. Hyde* de Robert Louis Stevenson, um romance gótico publicado originalmente em 1886.

⁵ A título de informação, Bostrom (2005) traça o mais antigo anseio por aperfeiçoamento humano até *A Epopeia de Guilgamesh* que data de cerca de 1.700 a.C., onde o antigo rei sumério, Guilgamesh, realiza uma caçada épica por um meio para tornar-se imortal.

⁶ É útil ressaltar que já há o melhoramento do ser humano em alguma medida conforme ele é modificado, por exemplo, pelas diversas técnicas cirúrgicas que prolongam sua vida. Se partirmos do pressuposto que alguém está com defeito por não possuir um rim – ou dois –, pois isso impede que seu corpo funcione de maneira eficiente, então melhorá-lo implicaria, e.g., adicionar-lhe algo que suprisse sua carência de rins para que seu organismo funcionasse de maneira mais eficiente, ou seja, melhor.



Segundo Bostrom et al. (s/d, s/p, tradução nossa), o Transumanismo “...é um modo de pensar sobre o futuro baseado na premissa de que a espécie humana em sua forma atual não representa o fim de seu desenvolvimento, mas, ao invés disso, uma fase inicial”⁷. No segundo artigo da *Transhumanist Declaration* consta que “nós [os transumanistas] acreditamos que o potencial da humanidade permanece em sua maioria não realizado”⁸ (BOSTROM et al., 2009, s/p, tradução nossa). Mais precisamente, o Transumanismo é

O movimento intelectual e cultural que afirma a possibilidade e o desejo de aprimorar a condição humana através da razão aplicada, especialmente através do desenvolvimento e criação de tecnologias amplamente disponíveis com o intuito de eliminar o envelhecimento e aperfeiçoar o intelecto humano, suas capacidades físicas e psicológicas (BOSTROM et al., s/d, s/p, tradução nossa).⁹

Uma outra forma de explicar o que é o Transumanismo é como põe Huskeller:

O Transumanismo promete o uso de biotecnologias para modificar e aperfeiçoar nossa natureza para nos transformar em um tipo diferente de ser. Ideias norteadoras são o desejo do autodesigne humano, a eliminação de todo o sofrimento e expansão da autonomia humana, imortalidade e, finalmente, a completa derrota da natureza (humana). Os Transumanistas acreditam que nós finalmente estamos à beira de tornar o antigo sonho de transcender a condição humana verdadeiro.¹⁰ (HAUSKELLER, 2016, p. 3, tradução nossa)

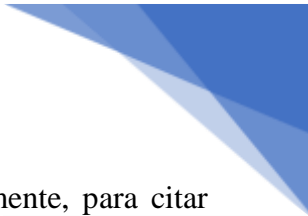
Ao longo do que quer que venha a ser o processo de aperfeiçoamento humano, três figuras se destacam: o humano 2.0, o transumano e o pós-humano. O primeiro seria um tipo de ser humano aperfeiçoado, embora diferente do atual, mas que continuaria a ser humano; o segundo ocupa uma zona de indeterminação entre o que somos agora e qualquer forma de vida aperfeiçoada que podemos vir a ser. O transumano é, então, um ser humano em transição entre o que somos hoje e o humano 2.0 ou pós-humano. Este último, por sua vez, refere-se a um tipo de ser vivo não-humano criado mediante tecnologias que intervêm no humano e o

⁷ Em inglês no original: “...is a way of thinking about the future that is based on the premise that the human species in its current form does not represent the end of our development but rather a comparatively early phase”.

⁸ Em inglês no original: We believe that humanity’s potential is still mostly unrealized.

⁹ Em inglês no original: The intellectual and cultural movement that affirms the possibility and desirability of fundamentally improving the human condition through applied reason, especially by developing and making widely available technologies to eliminate aging and to greatly enhance human intellectual, physical, and psychological capacities.

¹⁰ No original, em inglês: Transhumanism promotes the use of biotechnologies to modify and improve our nature, to transform us into a different kind of being. Guiding ideas are the desirability of human self-design, the elimination of all suffering and expansion of human autonomy, immortality, and ultimately the complete defeat of (human) nature. Transhumanists believe that we are finally on the brink of making the ancient dream of transcending the human condition come true.



transmutaram em algo superior – cognitiva, intelectual, genética ou fisicamente, para citar algumas possibilidades.¹¹


Na perspectiva da promessa transumanista de uma vida melhor através do aperfeiçoamento, o progresso científico e tecnológico – que é condição necessária para o aperfeiçoamento humano – não só é algo possível, mas, em linhas gerais, previsto por alguns indivíduos há algum tempo como um evento futuro na história da humanidade intitulado “singularidade” (singularity). Esse evento defendido por alguns futurólogos seria a manifestação combinada do surgimento de diversas tecnologias desenvolvidas por diversas áreas tecno-científicas. O avanço acelerado e exponencial das descobertas em um tempo demasiadamente curto acabará, assim é suposto, por possibilitar a realização da promessa transumanista. Raymond Kurzweil, um expoente transumanista defensor da singularidade chegou a defender que esse momento de confluência entre humanos e tecnologia ocorrerá em 2045, enquanto que Andrey Korotayev chega a concluir que ela ocorrerá em dois momentos, primeiros em 2027 e depois em 2029 (cf. SNOOKS, 2019, p. 4). Segundo Snooks, essas previsões são fruto de um historicismo metafísico, i.e., um método que pretende “...contar uma ‘história’ [story] sobre o curso da história [history] usando intuição e dedução lógica ao invés de um sistema empírico de observação e indução” (SNOOKS, 2019, p. 3, tradução nossa)¹².

Independentemente da ocorrência ou não da singularidade, pressupondo-se a eminência do melhoramento humano a uma fase pós-humana – leve-se dez ou oitocentos milhões de anos – ainda falta estabelecer um conceito basilar, o de “pós-humanidade”. Este conceito faz referência a uma realidade em que existem pós-humanos, os quais simplesmente vivem nela tal qual hoje a humanidade é onde vivem os seres humanos. Para tanto, vale ressaltar que o termo “[...]‘pós-humano’ não implica nada que acontece após a era humana, nem tem qualquer relação com ‘póstumo’. Em particular, ele não implica que não há mais humanos”. (BOSTROM et al., s/d, n. p. tradução nossa).

A essa altura não seria tolice afirmar que o Transumanismo é um movimento tecnoptimista e até científicista. Contudo, prevê-se possíveis cenários de catástrofes, perigos e riscos do que se propõem. Não é à toa que há o cuidado e a preocupação do uso ético (reflexivo, não

¹¹ Note que aqui poderia parecer obscura a fronteira entre o que é um transumano e o que é uma pós-humano ou um humano 2.0, e de fato é obscura. Bostrom et al. (s/d, s/p) explica que o conceito de transumano é vago de tal forma que não é possível dizer se já somos ou não transumanos. Talvez só seja possível determinar o que é o transumano quando (ou se) já estivermos na fase pós-humana ou humana 2.0.

¹² Em inglês no original: “[...] to tell a simple ‘story’ about the course of history by using intuition and deductive logic rather than systematic empirical observation and induction”.



imprudente) das tecnologias e da pesquisa científica. No artigo terceiro da *Transhumanist Declaration* consta que:


“Nós reconhecemos que a humanidade encara sérios riscos, especialmente frente ao uso indevido das novas tecnologias. Há possíveis cenários que conduzem à perda de grande parte, ou mesmo de tudo, o que nós consideramos valioso. Alguns desses cenários são drásticos, outros são sutis. Contudo, embora todo progresso seja mudança, nem toda mudança é progresso” (BOSTROM et al., 2009, s/p, tradução nossa).¹³

Certamente o aperfeiçoamento humano poderia conduzir a uma participação social e política muito maior do que já mais foi visto na história da humanidade. E também a dimensão política da sociedade como conhecemos pode ser radicalmente alterada. No entanto, o mesmo aperfeiçoamento poderia também conduzir a uma esfera pública em falecimento, onde os seres humanos do futuro ou os pós-humanos poderiam ser excluídos ou se excluírem da sociedade na medida em que suas vidas tornar-se-iam mais importantes do que a comunidade em que viveriam. Conforme essas formas de vida se restringiriam a isso, formas de vida, ao invés de se consolidarem também como seres políticos, iria sendo moldado um cenário biopolítico. Não que os transumanos, humanos 2.0 ou pós-humanos sejam de partida, isto é, por natureza, não-políticos, pelo contrário, em tese, eles guardam em si um potencial político maior que o do ser humano atual, mas essa tese pode não se concretizar em certas condições.

3. O pós-humano como *zoè*, mas não comente...

Agamben (2004, p. 9-10) distingue na Grécia Antiga duas formas de vida, *bios* e *zoè*. A primeira era a vida do cidadão grego – o homem adulto, livre e ateniense – que era, por natureza, como já afirmou Aristóteles nas primeiras páginas da *Política*, um animal político. *Bios* era, portanto, uma vida qualificada politicamente, com direitos e deveres. Por outro lado, a *zoè* era uma vida desqualificada politicamente, sem direitos ou deveres na *pólis* grega. Seria o pós-humano uma *bios* ou uma *zoè*? Tudo dependerá de como se desenrolará os eventos futuros. Mas, ele pode ser ambos. Muito disso dependerá da prioridade que o ser humano der a si e à sociedade em que vive.

¹³ We recognize that humanity faces serious risks, especially from the misuse of new technologies. There are possible realistic scenarios that lead to the loss of most, or even all, of what we hold valuable. Some of these scenarios are drastic, others are subtle. Although all progress is change, not all change is progress.



Muitos autores no último século trabalharam com a biopolítica, como Foucault (explicitamente) e Arendt (implicitamente), assim como mais recentemente Agamben e Esposito. Algo comum a todos eles é o fato de que a biopolítica se resume a um fenômeno permeado por dispositivos que realizam a passagem do que seria uma vida qualificada politicamente a algo similar à *zoè*, a vida naturalmente despolitizada. Para explicar isso Agamben introduziu o conceito de *vida nua*, uma vida que é capturada por dispositivos de exceção e cindida de sua forma política (AGAMBEN, 2017, p. 295). O que distingue *zoè* de vida nua é precisamente o fato de que a primeira é, por natureza, não-política, enquanto a segunda é tornada não-política. E o pós-humano pode vir a ser esta vida nua, mas não como Agamben prevê que ocorra, que seria através de mecanismos de exceção e do poder soberano. Em certo ponto ele afirma que:


“Disso [a vida encarada em seu sentido biológico] nasce a inadvertida, mas decisiva, função da ideologia médico-científica no sistema do poder e o uso crescente de pseudoconceitos científicos com fins de controle político: a própria captura da vida nua, que o soberano podia efetuar, em certas circunstâncias, sobre as formas de vida, agora é maciça e cotidianamente realizada pelas representações pseudocientíficas do corpo, da doença e da saúde e da ‘medicalização’ de esferas cada vez mais amplas da vida e da imaginação individual” (AGAMBEN, 2017, p. 236).

Nesse ponto, é possível somar à reflexão realizada por Agamben aquela desenvolvida por Roberto Esposito¹⁴, que se baseia no paradigma da imunidade. O conceito de imunidade, nas palavras do autor, funciona como uma “vantagem hermenêutica”, porque implica uma relação causal entre a vida e o poder. Ora, fica clara a forte influência de Foucault quando se afirma a existência de um conjunto de *relações de poder* exercido entre sujeitos. Esposito ainda complementa ao sustentar que a vida se conserva através de relações de poder que:

“Deste ponto de vista pode bem dizer-se que a imunização é uma *proteção* da vida. Ela salva, assegura, conserva o organismo, individual ou coletivo, a que é inerente – mas não de maneira directa, imediata, frontal; submetendo-o, pelo contrário, a uma condição que ao mesmo tempo lhe nega, ou reduz, a força expansiva. Como a prática médica da vacinação em relação ao corpo individual...” (ESPOSITO, 2010, p. 74, grifo do autor).

O controle dos corpos humanos, em alguma medida, restringindo sua própria humanidade e biologia em favor de uma “transumanização” artificial divulgada pelas mídias e incentivada por governos, celebridades, *digital influencers* entre outros, garantiria – não sem

¹⁴ Ambos, Agamben e Esposito, reconhecem no Soberano a mais influente e poderosa figura que faz parte da máquina engenhosa que é a biopolítica, como uma de suas peças-chave. Contudo, ela não será relevante aqui, mas isso não significa que ela deixe ter tanta importância quanto os autores lhe dão.




alguma possível resistência – a iminência de pós-humanos e de uma pós-humanidade. Contudo, mais do que propagandas pró-transumanismo ou *pro-enhancement*, haveria o anseio por *imunidade*, isto é, proteção, cuidado de si contra DST's, ossos quebrados em acidentes domésticos e até mesmo o envelhecimento ou o fim da vida (a morte).

No futuro, o papel do profissional médico pode não ser mais o de curar doenças, mas o de evitar que elas afetem os seres vivos através de mudanças genéticas. Ou mesmo se tornem “mecânicos” que substituem partes defeituosas de nossos corpos por outras melhores. Também pode haver a possibilidade de realização de um *uploading*, i.e., a transferência da mente ou consciência para uma máquina eliminando, assim, a necessidade de um corpo biológico, mesmo que aperfeiçoado. Junior (2019) sugere ao longo de seu texto que não há saída para a humanidade senão a aposta no que ele chama de “evolução artificial”. Nesta, segundo afirma, o ser humano evoluiria a algo superior via tecnologias criadas pelo próprio ser humano devido ao fato de que o processo de seleção natural não é mais uma opção para a evolução da espécie humana. O grande *x* da questão é: no que tudo isso vai dar?

Tudo que já foi dito sobre o aperfeiçoamento da espécie orbita na ideia de *imunização* do corpo humano, ou seja, em torno de mecanismos asseguradores de proteção e cuidado. Dessa forma, o ser humano não mais é visto como um ser político, mas como algo puramente biológico e aqui jaz o perigo. Tanto Agamben, quanto Esposito concordam que essa biologização do ser humano ocasiona a perda de sentido da política e consolida a implantação de um sistema de governo fundado na biopolítica. Porém, assim entendemos, é precisamente na urgência por imunidade que o ser humano ao focar em si e na sua existência biológica (ou pós-biológica/orgânica) em detrimento do voltar-se a uma comunidade política que ele se torna algo similar à *zoè*. Não uma vida nua em termos agambenianos¹⁵, que seria uma vida capturada por mecanismo de exceção, mas, simplesmente, uma vida desqualificada politicamente pelos meios que o tornaram uma vida superior em comparação à atual vida humana.

O problema maior, e tudo isso é apenas especulação de um futuro distópico acarretado pelas ambições transumanistas, é imaginar um homem e uma mulher, ambos pós-humanos, que nasceram humanos, e em algum ponto decidiram ter um filho – se ele foi gerado ou não no ventre materno é algo dúbio – que desde sua formação embrionária já recebera modificações em seu DNA via engenharia genética. No fim, nasceria uma criança pós-humana, que poderia


¹⁵ Agamben não é a figura central a ser levada em conta aqui, para tanto, evitou-se grandes entrelaçamentos entre o pós-humano e a vida nua, para assim não haver grandes comprometimentos com a teoria agambeniana.



ser uma *zoè*, ou seja, uma vida *naturalmente* despolitizada, diferente dos pais. Mas, este filho não seria igual ao que hoje é um arganaz do campo, pelo contrário, seria um ser vivo inteligente, que poderia viver ou não em comunidade, assim como seus pais. Então fica a pergunta, como com um nível tão alto de individualização proveniente da imunização em altas doses, seria possível manter uma esfera pública saudável? Talvez não seja possível e fiquemos à mercê da biopolítica.

Por fim, para tentarmos tornar mais claro o ponto central de nossa argumentação, imagine-se que alcançamos a pós-humanidade com bilhões de pós-humanos, todos frutos de algum tipo de aperfeiçoamento biotecnológico. Esses pós-humanos, suponha-se, são dotados de capacidades físicas extremamente superiores às nossas, eles são mais fortes, mais rápidos, mais resistentes a doenças, impactos físicos, dor, envelhecimento, degeneração cerebral, etc., e precisam ingerir menos alimentos e de uma menor variedade para se manterem saudáveis. Também são dotados de uma tal glândula que os deixam felizes e satisfeito, exceto quando exposto a situações extremas de dor física ou mental. Por diversão também imaginemos que eles podem voar. Ademais, acrescente-se o seguinte fato: as tecnologias descobertas pela ciência para transmutarem humanos em pós-humanos são de baixo custo, são tão baratas quanto pão e água. Dessa forma, todos podem ser pós-humanos, até mesmo as crianças moradoras de rua mais pobres – afinal, salvo por alguns poucos remanescentes do movimento ludita, quem não iria querer ser tudo o que dissemos? Agora, eis o ponto da controvérsia: como isso desencadearia o fenômeno da biopolítica? Nossa resposta a essa última pergunta é o que se segue.

Com um mundo hiperestimulado pelos diferentes níveis de imunização seus métodos e eventuais *upgrades* – que seriam muitos considerando que a este ponto o mundo já teria alcançado um nível de desenvolvimento científico e tecnológico além do que agora podemos imaginar – então ao invés de *fakenews* dificultando o devido exercício da ação política pelos pós-humanos o cenário de imunização seria o obstáculo. Ao invés da devida atenção sendo direcionada ao horizonte político em que vive, via de regras os pós-humanos estariam sendo – se propositalmente ou acidentalmente é uma outra questão que não pretendemos discutir – conduzidos a refletir somente sobre sua própria vida, o cuidado dela e sua preservação. Enquanto que, por outro lado, alguns poucos interessados na comunidade política em que vivem tomariam decisões sobre ela indiscriminadamente e decidiriam o que acontece com os pós-humanos em geral. Disso, segue-se, assim entendemos, que o pós-humano se tornaria uma vida



não-política, restringida à sua condição biológica (ou pós-biológica) e sendo tratada somente como um ser vivo cuja vida deve ser preservada e nada mais.

4. Considerações finais

Sem dúvidas o que se especulou aqui não passou de um grande experimento mental, mas, em todo caso, nada tão absurdo que não possa ser plausível crer. Seja como for no futuro (pós-) humano ele é cheio de incertezas. Tentar prever como ele será seria extremamente contraproducente, pois não temos meios para adivinhar o futuro. Contudo, negar uma de suas muitas possibilidades e não se precaver àquelas que apresentarem mazelas seria tolice.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. *O uso dos corpos*. Trad. Silvíno J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Trad. Desidério Murcho et al.. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOSTROM, Nick. A history of transhumanist thought. *Journal of Evolution and Technology*, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2005.

BOSTROM, Nick et al. *Transhumanist Declaration*. 2009. Disponível em: <<https://humanityplus.org/philosophy/transhumanist-declaration/>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BOSTROM, Nick et al. *The Transhumanist FAQ*. Disponível em: <<http://humanityplus.org/philosophy/transhumanist-faq/>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

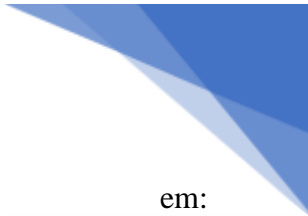
ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Trad. M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

JÚNIOR, E. B. dos S. Preâmbulos de uma pós-humanidade. *Revista Querubim (Online)*, v. 2, p. 117-120, 2019.

HAUSKELLER, Michael. Utopia. In: RANISCH, Robert; SORGNER, Stefan Lorenz. (Org.) *Post- and Transhumanism: An Introduction*. Frankfurt am Main et al: Peter Lang, 2014.

_____. *Mythologies of Transhumanism*. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2016.

SNOOKS, Graeme. “*Is Singularity a Scientific Concept, or the Construct of Metaphysical Historicism? Implications for Big History REVISED EDITION.*” IGDS Working Paper Series,



2019. Disponível em:
<https://www.academia.edu/38362228/Is_Singularity_a_Scientific_Concept_or_the_Construction_of_Metaphysical_Historicism_Implications_for_Big_History_REVISIED_EDITION>.
Acesso em: 04 abr. 2019.

Recebido: 27-02-2020

Aceito: 29-10-2020